



Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) (2008)
Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação
6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)
ISBN 978-989-95500-1-8

Discurso jornalístico e a construção da juventude

ZARA PINTO-COELHO

Universidade do Minho ~ zara@ics.uminho.pt



Resumo:

Ainda que a fase da vida rotulada como “adolescência” ou “juventude” seja estabelecida cronológica e biologicamente, ela é em primeiro lugar uma construção social (Pais, 1993), discursiva (Androutsopoulos, 2003) e cultural (Wyn e White, 1997), que denota o que é ser jovem em relação ao que é interpretado como ser criança ou adulto (Fornás, 1995), em contextos históricos e culturais particulares. Neste artigo apresento de forma sucinta os resultados de um estudo exploratório sobre o discurso que os jornais e revistas nacionais de informação geral produzem sobre jovens. Os textos recolhidos, cobrindo assuntos relacionados com jovens, e referentes a uma semana de publicação, foram analisados com a ajuda de instrumentos teóricos e metodológicos disponibilizados pela ACD (e.g. Van Dijk, 2005). Sem ser conclusivo, este estudo permitiu constatar que o acesso dos jovens ao discurso jornalístico, seja como protagonistas, seja como referência, é limitado, apesar de a semana em estudo coincidir com um momento de agitação estudantil e de avaliação das escolas. Vimos também que é um discurso eivado de generalizações irresponsáveis, e pouco rigoroso em termos jornalísticos. Oferece uma versão tripartida dos jovens, posicionando-os como excepcionalmente dotados ou brilhantes, como inocentes ou vítimas, e como perigosos ou causadores de problemas, sendo esta última a representação prevalecente. Estes apontamentos apontam para a possibilidade de a realidade nacional do discurso jornalístico sobre jovens não ser muito diferente da de outros países europeus (Devlin, 2005; Wyn, 2005). Mas esta será uma questão a averiguar em projectos de investigação a vir.

Palavras-chave:

Discurso jornalístico, jovens, representações sociais, desigualdade social.

“Background”

A idade, vista como uma dimensão da desigualdade, ao lado por exemplo, da classe, do género e da etnicidade, é um tópico que ainda atrai pouco ou mesmo nenhum interesse nos estudos de comunicação desenvolvidos em Portugal. No entanto, no nosso país, e em outras sociedades ocidentais actuais, todos os grupos etários são afectados negativamente pelo chamado ageísmo (Bodily, 1994). Isto é, por processos sistemáticos de estereotipização e de discriminação baseados em atributos, actividades, competências e obrigações que são imputados a grupos de indivíduos simplesmente por causa da idade (cronológica e biológica), e que os amarram num período etário localizado no ciclo de vida. Assim, todos os indivíduos velhos são vistos como menos aptos para o emprego com base na ideia de que são lentos, sem dinamismo e pouco flexíveis; e todos os jovens são suspeitos de serem pouco fiáveis, instáveis, indisciplinados e inclinados para o uso de drogas e para o prazer. É certo que os grupos de meia-idade também podem ser alvos de actos

discriminatórios, podendo, por exemplo, ser considerados “demasiado velhos” para o exercício de uma determinada função. No entanto, partilho a ideia que os grupos de meia-idade, nas sociedades ocidentais, pertencem a uma elite, e que os grupos de pessoas mais jovens e mais velhas são forçados a dependerem socialmente dessa elite (Bradly, 1997), ainda que obviamente as experiências de segregação possam mudar, ser contraditórias, diferenciadas, consoante o género, a classe, a etnicidade e os contextos em que se inscrevem os membros destes grupos etários (Ferreira, et al 2006: 117). Os grupos de meia-idade, que funcionam como a norma relativamente à qual os restantes grupos de idade são definidos como “outros”, têm muitas formas de manter o controle e o seu acesso privilegiado ao leque de recursos (materiais, políticos, culturais e simbólicos, incluindo o uso da força e da violência) que constitui a base do seu poder. Neste artigo interessa-me chamar a atenção para a dimensão simbólica deste tipo de dominação no contexto dos média tradicionais portugueses. Centro-me em particular no discurso jornalístico da imprensa diária e das revistas de informação geral, e no papel deste discurso na difusão de estereótipos e de preconceitos sociais contra jovens no seio dos grupos de meia-idade. Tem sido mostrado em investigações anteriores, ainda que relativas a outros países europeus, que um dos mecanismos mais poderosos na (re)produção deste tipo de dominação nos últimos cem anos tem sido o discurso científico e académico sobre adolescência (e.g. Besley, 2005; Lesko, 2003; Griffin, 1993). Mais recentemente, a atenção tem-se focado no discurso publicitário e no discurso dos média, e no seu papel na divulgação de conhecimento e de opiniões adultocêntricas sobre jovens que os posicionam desfavoravelmente face aos adultos (Thurlow, 2007). Sobre grupos de jovens são poucas as fontes de informação alternativas disponíveis para os grupos de meia-idade. Os pares, a casa, a escola e os média tradicionais continuam a ser as suas principais fontes de informação. Embora os leitores em geral não adoptem passivamente a informação e opiniões implícitas ou explícitas dos seus jornais, o seu quadro interpretativo e avaliativo para “assuntos relacionados com jovens” é desenvolvido pelo menos parcialmente em função dessa informação. Décadas de investigação sobre os média na Europa (sobretudo nos países anglo-saxónicos) centrada nos média impressos têm mostrado consistentemente que os grupos de jovens tendem a ser representados negativamente e de uma forma estereotipada, como criminosos e desviantes por um lado, e como vítimas vulneráveis por outro, e às vezes das duas formas em simultâneo (Falchikov, 1986; Griffin, 1997), reflectindo e amplificando um sentido de pânico moral ou crise (Cohen, 1972). A implicação geral deste tipo de representações é a construção da juventude como problemática, quer no sentido de ser causa de problemas, como no sentido de “ter problemas”, de ser vítima ou de “estar em risco”. Mas este tipo de representação não é a única. Outros tipos de discursos prevaletentes já identificados são os que constroem a juventude como particularmente dotada, energética, vigorosa, divertida (Hebdige, 1983), ou como sendo “a esperança para o futuro”, representações que tendem a variar consoante o país em causa, e o momento histórico e político em questão (e.g. Wyn, 2005). A investigação também tem mostrado que os grupos de meia-idade e os adultos em geral têm um controlo quase total dos média impressos que lhes são dirigidos (e.g. Thurlow, 2007), o que contribui ainda mais para a perspectiva adultocêntrica no discurso jornalístico sobre jovens. Claro que não estou a sugerir que os jovens não têm nenhum tipo de acesso ao discurso dos média, ou ao discurso público em geral. Como sabemos, a cultura popular nas sociedades ocidentais actuais é diversa e contraditória, e integra outras formas de expressão juvenil alternativas ou marginais (na arte, nos desportos, nos média electrónicos, na música, ver, por exemplo, Pais, 2001). Refiro-me ao acesso das vozes dos jovens a tipos de discurso público que ajudam a modelar as políticas públicas e a promover o discurso cívico e reflexão crítica, como é o caso do discurso da imprensa escrita mainstream, e aí, como mostram estudos anteriores, as forças no terreno estão longe de serem iguais (Giroux, 1998).

Objectivos, método e finalidades

Tendo esta investigação anterior como “background”, e o meu interesse e experiência de investigação em questões ligadas ao papel do discurso e da imagem visual na reprodução de diversos tipos de desigualdade social (Pinto-Coelho, 2007; 2005), desenvolvi, com alunos da licenciatura de Comunicação Social da Universidade do Minho, um estudo exploratório para tentar perceber a representação dos grupos de jovens no discurso jornalístico. Incidiu sobre textos relativos a jovens, ou a assuntos com eles relacionados (n = 340), publicados em jornais diários e revistas semanais de informação geral nacionais em 2007, no decorrer da semana de 17 a 24 de Outubro, a saber: Correio da Manhã (CM), 24 Horas, Diário de Notícias (DN), Jornal de Notícias (JN), Público, Tal & Qual, Expresso, Sol, Focus, Visão e Sábado. Na selecção dos textos, para além dos critérios semânticos antes referidos, seguiu-se um critério de natureza etária (escalão entre os 12 e 29 anos de idade), o escalão tradicionalmente usado para efeitos analíticos em estudos sobre transições juvenis, ainda que os limites sociológicos da juventude não sejam determinados exclusivamente pela idade dos indivíduos (Ferreira, 2006: 15).

Situando-nos no quadro da Análise Crítica do Discurso (e.g. Bloor & Bloor, 2007; Weiss e Wodak, 2003), analisamos a um nível mais global os tópicos ou temas dos textos, o género editorial, as relações entre tópicos e géneros editoriais, os títulos e as relações entre os títulos e o corpo da notícia, e o posicionamento na primeira página. A investigação anterior tem mostrado a importância destes traços discursivos, tanto em termos jornalísticos (Richardson, 2007), como em termos mais psicológicos, relacionados com os processos de compreensão dos textos, e da sua influência sobre as avaliações que os leitores fazem das histórias relatadas (e.g. van Dijk, 2005). Ainda a este nível mais global, procedemos a uma outra classificação temática dos textos segundo duas categorias. “Textos com jovens” e “textos sobre jovens”. Na primeira categoria, englobamos os textos em que os jovens são actores (principais ou secundários) nos eventos noticiados, e, na segunda, os textos que abordam assuntos relacionados com a vida dos jovens. Num segundo momento, analisamos o estilo, ou seja, o modo como se escreve sobre jovens, nomeadamente ao nível das escolhas lexicais e das estruturas sintácticas, para avaliar a forma como são designados ou identificados, de que ponto de vista o são, as acções, e a posição e papéis que lhes são atribuídos, bem como as implicações semânticas de tais escolhas (Fowler, 1991, van Leeuwen, 1997). Examinamos também “o não dito”, o que é sugerido ou fica implícito, tanto ao nível temático global, como ao nível dos textos em concreto, uma dimensão do discurso especialmente relevante na análise dos textos jornalísticos dada a ideologia jornalística dominante (van Dijk, 2005). E, por último, quisemos saber quem aparece como fonte, quem é citado (ou não citado), e de que forma, um traço que nos deu mais informação sobre a questão do acesso (passivo ou activo) ao discurso (van Dijk, 2005). Estas estruturas discursivas permitiram-nos identificar os tipos de jovens incluídos no discurso, os tipos de acções e papéis que lhes são atribuídos, e os domínios da vida pública ou privada a eles associados, assim como nos permitiram evidenciar as exclusões, já que, como é sabido, o que não entra na agenda mediática tende também a ser excluído da agenda pública em geral. Todas estas estruturas estão relacionadas directamente com as condições do processo de produção das notícias. Não são “inerentes” aos textos jornalísticos. Cada uma delas pressupõe escolha e decisão (e.g. Fairclough, 1995; Kress, 1990) e cada escolha pressupõe crenças, opiniões, atitudes e ideologias (van Dijk, 1988, 1998).

É importante realçar que se trata de um estudo exploratório. Como tal, não pretende produzir conclusões generalizáveis sobre os tipos de discurso ou de representações dos jovens nos média nacionais. Também não limitámos a procura apenas ao tipo de representações já identificadas na literatura anterior. Procurou-se documentar exhaustivamente todos os tópicos abordados nos textos seleccionados, bem como todas as escolhas estilísticas relevantes, comparando as coberturas feitas pelos diversos tipos de jornais e revistas incluídos no *corpus*. Um último ponto a considerar diz

respeito à postura adoptada. A preocupação não foi a de decidir se as representações são boas ou más, verdadeiras ou falsas, mas analisá-las relativamente ao tipo de trabalho pedagógico que realizam. Que tipo de conhecimento e de opiniões expressam ou excluem? Que formas particulares de identidade, de “agência” (*agency*) ou de subjectividade são privilegiadas, e como é que elas ajudam a reforçar representações sociais dominantes sobre jovens no seio dos grupos de meia-idade? Que efeitos poderão ter essas escolhas na representação que os jovens fazem de si mesmo enquanto grupo? Será que possibilitam uma “agência” juvenil crítica, socialmente responsável, empenhada e participativa por parte dos jovens? Não é isso afinal que os adultos modernos condenam nos jovens pós-modernos? Ou será que, pelo contrário, apoiam a posição subordinada, marginal dos jovens na vida pública e lhes retiram ainda mais poder?

O estudo em contexto

Um dos princípios teóricos da Análise Crítica do Discurso afirma que o texto e a fala constituem de muitas formas as dimensões sociais e políticas da desigualdade social ao nível estrutural, e que o texto e a fala são simultaneamente potenciados, influenciados ou constringidos por essas mesmas estruturas (Fairclough & Wodak, 1997). Por esta razão, qualquer análise crítica do discurso deverá implicar sempre o estudo e a compreensão dos factores estruturais — socioeconómicos, históricos e culturais — envolvidos nas dinâmicas do sistema de desigualdade em causa. Quer isto dizer que a marginalidade discursiva dos jovens, o facto dos quadros discursivos prevaletentes serem construídos por adultos de meia-idade, e de assentarem na subjectividade adulta como norma, constitui apenas um dos aspectos das relações de poder envolvidas nas desigualdades sociais em causa. Mas um aspecto essencial, já que a legitimidade é condição necessária para que o poder dos grupos de meia-idade possa funcionar. O discurso e a comunicação são vitais neste processo. Através deles são comunicadas as representações sociais, os motivos, as razões e os objectivos que justificam e permitem a manutenção do controlo (van Dijk, 2005). Por outras palavras, o discurso dos média em foco neste estudo não é apenas um sintoma ou um sinal do problema do *ageismo*. Reproduz e ajuda a produzir as representações e acções *ageístas* dos e entre os grupos de meia-idade. Mas, como disse antes, a desigualdade entre estes grupos envolve outras dimensões, e será para elas que olharemos em seguida, com base em informação produzida pela sociologia portuguesa (e.g. Pais *et al*, 2005, 2001; Ferreira *et al*, 2006).

À semelhança de outros países europeus, o que é hoje tornar-se e ser-se adulto em Portugal tem lugar num terreno cada vez mais labiríntico, volátil, imprevisível e contraditório (Pais, 2001). As complexidades e incertezas que marcam os processos de transição juvenis na contemporaneidade (Pais, 1993) são inseparáveis das mudanças vividas nas últimas três décadas em Portugal no mercado de trabalho, no Estado Providência, no sistema educativo, e nas dinâmicas culturais e práticas sociais (Pais *et al* 2005). Um emprego “para toda a vida” é algo que a população jovem não pode considerar como certo ou garantido (Pais *et al*, 2005), dada a crescente flexibilização e precariedade laboral (Figueiredo *et al*, 1999; Ferreira, *et al*, 2006). Os jovens são e têm sido os mais afectados pelo desemprego, sub emprego e não emprego (Pais, 2001). Há também que considerar o prolongamento da escolarização e, concomitantemente, o retardamento da inserção profissional (Figueiredo *et al*, 1999) e a progressiva intensificação da dependência familiar (Pappámikail, 2004, Pais *et al* 2005). De realçar a este propósito os processos de transformação acentuada das dinâmicas conjugais, expressa na pluralização das formas de organização familiar (Almeida, 2003). A extensão das trajectórias escolares e o progressivo adiar da emancipação material dos jovens da família têm sido acompanhados por uma reconfiguração dos sistemas culturais e normativos juvenis, nomeadamente pela relevância crescente de valores associados à experimentação, à diversão e à

expressão, autonomia, independência, realização pessoal e desenvolvimento individual (Pais, 1999). Todos estes factores têm contribuído para condicionar as trajectórias juvenis, ao mesmo tempo que as põem mais em jogo. O mesmo é dizer, parafraseando Machado Pais, que “as voltas e mais voltas” que a vida dá são expressas num “fazer-se à vida” e até num “fazer pela vida”, ou seja, em buscas autónomas de trajectórias através das quais os jovens procuram adaptar-se às circunstâncias mutáveis. Neste “fazer-se à vida”, os caminhos são múltiplos e baralhados, e não têm um rumo fixo ou predeterminado. Estão marcados pelo princípio da reversibilidade, por um recorrente movimento yô yô (Pais, 2001 65-83) no plano da vida familiar, escolar e profissional. No entanto, o progressivo reforço de autonomização no desenhar dos percursos de vida juvenis colide com a prevalência de assimetrias e hierarquias sociais ao nível de graus de acesso a recursos culturais, sociais e económicos, e com a prevalência de dinâmicas sociais tradicionais, ainda que de forma menos intensa (Ferreira *et al*, 2006). A classe social de origem continua a influenciar os resultados escolares, quer em termos de duração do percurso, quer em termos de sucesso escolar (Cabral e Pais, 1998), e estas diferenças de capital escolar intervêm, ainda que de forma não linear, nos processos individualizados de construção biográfica. O mesmo se pode dizer das desigualdades de género. Não obstante a crescente feminização do sistema de ensino português, nomeadamente nos seus níveis mais elevados, as mulheres jovens estão mais sujeitas a cenários de desemprego, e as jovens com certificados escolares mais baixos são as mais afectadas pelo trabalho precário de baixa qualidade. Inversamente, verifica-se um envolvimento crescente em lugares de chefia, de direcção e quadros, e uma tendência de aproximação entre a taxa de actividade masculina e a feminina (Vieira, 2006). Outro dos factores estruturais importantes a considerar é o fraco sistema de apoio estatal que, num quadro crescente de incerteza, aumenta o potencial gerador de dependência dos jovens em relação aos pais (Pappámikail, 2004).

A pesquisa sociológica mostra que as relações entre as variáveis antes abordadas são bastantes problemáticas, e mostra também a natureza contraditória e movediça das estruturas materiais e simbólicas que pautam os percursos juvenis num cenário de globalização (Jeffrey e Mcdowell, 2004). Neste quadro, que características terá o discurso jornalístico sobre jovens produzido em Portugal?

Jovens criminosos

Durante a semana analisada, a atenção dada a assuntos juvenis é insignificante. A frequência, tamanho e destaque da cobertura de acontecimentos ou situações em que os jovens são actores na narrativa (notícias com jovens) é menor. Quando os indivíduos jovens fazem notícia, o crime é o assunto dominante da cobertura jornalística feita pelo CM (59%), seguido pelo 24 Horas (48, 2 %), JN (35, 62%), Público (22, 73%) e o DN (17, 39%). Este é um tema a que não é dada qualquer importância nos semanários analisados, a não ser no Tal & Qual, e relativamente às revistas de informação geral apenas a Focus se interessa pelo assunto. Dada a exiguidade de espaço, abordarei neste ponto apenas o caso dos jornais diários.

A diferença entre os diários no tipo de crimes referidos não é dramática, sendo o pequeno furto de rua o tipo de crime mais representado, por vezes associado à violência corporal, seguido do crime de tráfico de drogas, sendo comum a todos a publicação de peças que cobrem casos de assassinio violento (de familiares, colegas ou namorados). No que diz respeito às fontes, verifica-se uma convergência semelhante: as fontes usadas são predominantemente oficiais, e com muita frequência são dadas quando o processo de resolução do crime já foi iniciado. O mesmo acontece em peças mais longas em que se dá a voz a representantes das autoridades. Tal significa que a perspectiva a partir da qual são narrados os eventos é a das autoridades policiais ou judiciais envolvidas. Assim, ainda que se trate de crimes cometidos por jovens, o ênfase não é posto nas suas acções, nem na

sua “agência”, mas antes nas acções policiais ou judiciais, facto evidenciado pelo tipo de vocábulos usados para descrever as acções e caracterizar os actores (e.g. “deteve”, “suspeitos”), no papel passivo que lhes é atribuído no relato das acções, ou na nominalização das mesmas (e.g. “tráfico”, “furtos”, “roubos”), e também no facto de nunca serem citados ou parafraseados neste tipo de relato. No entanto, nos relatos de crimes violentos cometidos por jovens, como é o caso do homicídio, verifica-se uma tendência contrária: o ênfase é colocado no crime cometido, e na “agência” do ou da jovem, não só no corpo da notícia, como no título (e.g. “Jovem que matou com ácido regressa a tribunal”; “Matou ex-companheira com golpes de arma branca”, JN, 23 de Outubro de 2006). Poderíamos pensar que esta escolha é motivada pela natureza do crime, que representa o crime mais grave contra pessoas, e pelo facto da violência ser o exemplo supremo do valor-notícia “consequências negativas”. No entanto, os dados mostram que nos poucos casos de notícias em que se aborda a violência contra jovens se verifica o contrário, através da escolha da passivação e/ou da nominalização para descrever os crimes cometidos (e.g. “Julgado por matar jovem”, JN, 23 de Outubro de 2006; “Homem condenado em Arouca a dez anos e meio de cadeia por maus tratos à mulher e aos filhos”, Público, 24 de Outubro de 2006). A principal diferença entre os jornais analisados parece estar relacionada com o tipo de títulos atribuídos às notícias sobre crime, quando os há claro, já que as notícias breves não incluem título, e temos vários exemplos desse género jornalístico na semana analisada. Assim, nos jornais que prestam mais atenção ao crime, a saber, o CM, o 24 Horas e o JN, são também mais frequentes as menções explícitas a quem cometeu o crime, associadas a referências ao tipo de instrumento utilizado (e.g. “facas”, “armas”) e ao local da ocorrência (e.g. “metro”, “rua”, “gasolineiras”). Contudo, importa sublinhar que na globalidade o tratamento que o CM e o 24 Horas dão a estas notícias é de natureza mais populista, facto evidenciado sobretudo pela concessão de espaços maiores e pelas grandes manchas de imagem, enquanto que o JN prefere as notícias breves.

Desta breve síntese sobre a cobertura do crime cometido por jovens, ressalte-se a tendência dos diários analisados para mitigar a “agência” destes actores sociais, para os retratar mais como alvos ou objectos passivos das autoridades judiciais do que como agentes de acções. Note-se, no entanto, que tal não implica uma mitigação da culpa, nem da negatividade das acções, já que todos os actos que lhes são atribuídos são natureza negativa, bem como o são os léxicos escolhidos para caracterizar os jovens como passivamente envolvidos na narração da acção (e.g. “detidos”, “suspeitos”). Mas, de facto, estas escolhas discursivas têm o efeito de atribuir uma imagem de impotência aos jovens face às forças policiais e judiciais, e, por contraste, uma imagem de eficácia às acções das autoridades. Esta imagem de impotência pode ter na sua base, e ao mesmo tempo contribuir para reforçar, opiniões negativas estereotipadas que associam os jovens à falta de competências em geral ou à inexperiência, uma vez que certos relatos associados ao pequeno crime sugerem a imagem de “presa fácil”, visível, por exemplo, nas escolhas lexicais usadas para identificar os jovens ou para descrever a acção policial (e.g. “pequenos larápios”, “apanhados”, “foi apanhado”), ou na ridicularização de roubos mal sucedidos (e.g. “Idoso despacha assaltantes com artes marciais”, Público, 24 de Outubro de 2006).

Mais relevante para o accionamento de estereótipos e preconceitos negativos contra jovens na leitura deste tipo de cobertura noticiosa é, na minha opinião, o facto de na descrição dos criminosos ser muito frequente a referência à aparência, associada à idade (e.g. “um jovem de 21 anos”) ou ao papel que lhes é atribuído (e.g. “jovens traficantes”, “jovens suspeitos”, “jovens detidos”). Na semana analisada a referência a esse pormenor, a essa diferença física, não ocorre quando o crime é cometido por um adulto ou indivíduo de meia-idade. Não será comum encontrar um título “indivíduo de meia-idade apanhado a traficar droga”, nem uma descrição das autoridades que as distinga por este tipo de diferença física: “jovem detido por agente de meia-idade”. O facto de se fazer referência à

aparência jovem do criminoso, ainda que possa obedecer a uma rotina jornalística, à falta de espaço, à necessidade de brevidade, ou a um qualquer outro critério funcional ou editorial, constitui uma forma de identificar o grupo ou grupos a que o criminoso está associado. Ou seja, não se está apenas a relatar o crime que alguém cometeu, ou a fazer referências aos intervenientes pelo papel que desempenham nas acções relatadas (“suspeitos”, “detidos”), mas está-se simultaneamente a classificar alguém em termos do que ela é de forma mais ou menos inevitável. Portanto, a escolha de expressões do tipo “jovens detidos” cria uma associação entre o papel desempenhado na história — e note-se a sua conotação negativa — e aquilo que se é, de uma forma mais ou menos inevitável — jovem. Por detrás da atribuição de um papel, constrói-se uma identidade, demarcam-se fronteiras, o que ajuda a ou o leitor a distanciarem-se deles. Dada a natureza negativa do papel, e o facto de este tipo de relato não incluir, regra geral, qualquer tipo de enquadramento ou de explicação das razões que levaram ao crime, a referência à aparência jovem do criminoso pode sugerir a existência de uma relação elucidativa entre a pertença a um grupo e o crime. Veicula-se assim, de forma implícita, explicações do crime baseadas em opiniões negativas estereotipadas sobre jovens: “cometem crimes porque são jovens, porque são diferentes de nós, e os jovens, como todos sabemos são inerentemente problemáticos”, um traço bem conhecido no chamado erro fundamental de atribuição (e.g. Pettigrew, 1979). Simultaneamente, a referência à aparência física do criminoso, que empiricamente pode parecer inocente, no contexto deste tipo de notícia projecta significados e valores sociais no referente, instigando associações a crenças estereotipadas negativas sobre características pessoais, sociais ou culturais associadas aos jovens, o que seguramente não ocorrerá noutros contextos em que a palavra “jovem” apareça associada a actos ou estados vistos como positivos. Diria assim que esta estratégia referencial constitui uma forma de essencializar o criminoso — está a agir segundo a sua essência — e de essencializar as acções dos jovens — agem assim porque são jovens, isto é, problemáticos. Em qualquer dos casos, tira a escolha humana das acções em causa. Como não se identificam forças externas que possam explicar o crime, reforça-se, mais uma vez, a imagem de impotência dos jovens. Não face às autoridades, mas face à sua própria natureza: mais do que agir segundo a sua natureza ou cultura, são agidos por ela. No quadro de representações mais condescendentes dos jovens que os representam como um grupo em risco, ou seja, como vítimas fáceis, este tipo de representação poderá ter o efeito de atenuar ou de absolver a culpa dos jovens criminosos, já que não podem ser moralmente responsabilizados — embora aqui se levante o problema do crime ser por definição uma acção intencional. Mas tem o efeito perverso de os tratar como menos do que adultos, como crianças, inferiores, desumanizando-os, e de neutralizar eventuais conotações de resistência ou de provocação às autoridades, ou aos adultos em geral, que este tipo de acto possa ter. No quadro de representações mais punitivas que representam os jovens como causadores de problemas, a associação deste grupo ao problema social do crime só ou sobretudo como consequência da sua idade, poderá ter o efeito de reforçar a demonização dos jovens criminosos, e de facilitar assim a sua exclusão social. Isto porque ao tirar o crime do contexto estrutural se nega qualquer relação entre os crimes cometidos por jovens e os processos e estruturas políticas, económicas e culturais em que eles vivem.

Jovens profissionais

Ainda que com importância relativa muito menor face ao destaque dado à criminalidade juvenil, acontecimentos ou situações ligados à vida de jovens profissionais, sobretudo na área do desporto e do entretenimento, são também objecto das notícias que contam com jovens como protagonistas. O DN é o diário que se ocupa mais com este tipo de assuntos, e isso pode ser explicado pela publicação de um caderno dedicado aos “Morangos com Açúcar”, que evidencia uma clara estratégia de inclusão de jovens leitores no público deste diário. Mas, em termos de diversidade dos tópicos

tratados, o DN não se distingue dos restantes jornais, sejam eles diários ou semanários, e o mesmo acontece com as revistas de informação geral. No desporto, a atenção reparte-se entre os casos de sucesso e os acontecimentos rotineiros, sendo similar o tratamento dado às jovens estrelas, com a atenção dividida entre o sucesso profissional e a vida mundana das mesmas. Futebolistas, actores e actrizes nos média, em especial na televisão, são o tipo de profissionais a quem é dada maior importância, com referências pontuais, em especial nos semanários, a jovens artistas (música, cinema, teatro) e a jovens emigrantes. Trata-se de um tipo de cobertura que, por contraste à cobertura da criminalidade juvenil, é positiva ou neutra, embora tenhamos encontrado uma referência a um caso de *doping* (“Campeão português repreendido”, CM, 18 de Outubro de 2006). A forma como são referidos estes actores constitui mais uma evidência desse tratamento preferencial. Ao contrário do que se verifica na descrição de jovens envolvidos em actividades ilícitas, os jovens profissionais tendem a ser referidos em termos da sua identidade única, sendo nomeados tipicamente de uma forma informal através de nomes próprios, e/ou referidos em termos da actividade que desenvolvem. O mesmo se pode dizer da forma como são representadas as suas acções, dado o ênfase posto na “agência” individual, nas lutas e vitórias, e nas características pessoais positivas, nomeadamente no papel que desempenham nesse sucesso. A palavra “jovem” ou “jovens”, quando surge neste tipo de notícia, e nem sempre surge — é a partir do conhecimento cultural que o leitor faz essa inferência — adquire significados distintos dos que são activados na leitura das notícias sobre crime: está associada ao relato de acções ou acontecimentos positivos ou neutros, adjectiva nomes próprios (e.g. “jovem modelo Daniella Cicarelli”, CM, 18 de Outubro de 2006) ou nomes comuns (e.g. jovem actriz) e aparece também associada a adjectivos de natureza positiva (e.g. “jovem talento”). Este tipo de escolhas estilísticas personaliza e individualiza os jovens representados, assim como os avaliam como dignos de admiração. Neste quadro, a voz destes jovens tem direito a ser citada ou parafraseada. Tendo em conta o elevado valor que é atribuído à individualidade em muitas esferas da nossa sociedade, tornam-se pontos de identificação para o leitor, em especial para os jovens leitores ou leitoras, e alimentam entre os mais velhos mitologias da juventude como a idade de ouro.

Para terminar, importa referir os outros tópicos que identificamos no conjunto de notícias classificadas como sendo “notícias com jovens”, embora a sua presença em termos quantitativos seja insignificante. Dizem respeito a acções desenvolvidas por jovens estudantes do ensino superior, por juventudes políticas, e por jovens de outras nacionalidades. Apesar da insignificância da sua percentagem, importa referir que os acontecimentos ou acções em foco no domínio universitário ou são de natureza negativa (“Estudantes protestaram contra propinas e Bolonha”, DN, 20 de Outubro de 2006) ou tratam de excepções positivas (“Alunos do Minho ganham campanha”, JN, 18 de Outubro de 2006). No que diz respeito às juventudes políticas, o registo é mais próximo do factual ou neutro (“Juventudes do PS e do PSD lançam pacto “geracional”, DN, 17 de Outubro de 2006). A cobertura de acções realizadas por jovens de outra nacionalidade na semana em causa é de natureza negativa, mantendo-se o enfoque no crime, associado à violência urbana ou ao homicídio: “Jovens envolvidos em actos de violência nos subúrbios de Paris”, DN, 20 de Outubro de 2006; “Onda de violência regressa á França”, JN, 22 de Outubro de 2006; “Inglaterra: prisão perpétua para adolescente que matou colega”, Público, 17 de Outubro, de 2006.

Jovens em vários domínios sociais

Agregamos sob esta categoria temática textos em que se escreve sobre a situação dos jovens em vários domínios sociais, classificados sob a categoria “textos sobre jovens”. A presença de notícias ou de textos de opinião em que se escreve sobre jovens é reduzida, merecendo estes na maior parte dos casos uma breve referência. O leque de temas incluídos abrange a área da educação, do emprego e desemprego, da saúde, das novas tecnologias, das políticas juvenis, das

políticas sociais, da família, dos acidentes de trabalho, e dos comportamentos ou valores juvenis. Apesar de incluir artigos de opinião e algumas reportagens, o género jornalístico mais escolhido por todos os jornais e revistas nesta semana para abordar estes assuntos continua a ser a notícia, o que evidencia claramente a pouca importância atribuída a estes assuntos sociais, fundamentais na vida dos jovens.

A educação é a área a que é dada mais atenção nesta semana: sendo predominante no Público (42, 82 %), nos semanários Expresso (38 %), e no Sol (36%), e ocupa a segunda posição na cobertura do JN (27, 94), e do DN (21, 74 %). Razões de ordem conjuntural podem explicar estas preferências, relacionadas com a publicação na semana analisada dos *rankings* das escolas secundárias, e a greve dos professores do ensino secundário. Apesar deste ser um assunto tipicamente juvenil e da importância da escola na modelação das transições juvenis, o certo é que os jovens estudantes figuram nesta notícias como meras referências, frequentemente apenas de forma implícita. Mais uma vez, os jornais privilegiam o ponto de vista oficial e institucional, dando voz apenas ao governo, ministros, tribunais, universidades, comissões especializadas, associações profissionais, directores, professores, líderes de opinião, e excluem o dos alunos. Se nas notícias sobre crime se compreende o privilégio dado às fontes oficiais, uma vez que o crime, como diz Hall (1979: 699) está menos aberto do que outros assuntos públicos a definições competitivas e alternativas — desde já porque os criminosos, em virtude de o serem, não são uma fonte “legitimada”, no sentido em que lhes foi retirada o direito de resposta até que “paguem a sua dívida à sociedade”, nem organizada — não se compreende, nem se pode aceitar que se escrevam notícias sobre *rankings*, políticas educativas, greves dos professores, mas também ensino profissional, abandono escolar, acidentes nas escolas, problemas com os exames de acesso à universidade, sem dar a voz aos jovens estudantes. Esta exclusão pode ser mais ou menos radical, sendo radical nos casos em não deixa sequer marcas na representação: excluem os alunos e as suas actividades. Quando entram na representação, são-lhes atribuídos papéis de natureza passiva, sendo na maior parte das vezes representados no papel de “assistidos” pelas instituições em causa: “Aumento de formação profissional para alunos”; “Jovens carenciados poderão ter bolsas para continuar a estudar”, JN, 24 de Outubro de 2006; “É no pré-escolar que começamos a prepará-los”, Público, 21 de Outubro de 2006. Na melhor das hipóteses, são activados como “aqueles que sentem” quando o foco incide nos problemas — “Tribunal traz esperança aos alunos de química”, “Alunos ambiciosos e corpo docente estável são trunfos”, “Escola do interior luta contra a desmotivação”, JN, 21 de Outubro de 2006. Na pior das hipóteses, culpabilizados pela má prestação das escolas em termos de *ranking* — ““Não querem estudar, basta-lhes ter 10”; “A escola secundária de Vilar de Formoso está nos últimos lugares do ranking”, Sol, 21 de Outubro de 2006) — ou condenados pelos seus comportamentos “fúteis”, desrespeitosos e “inconsequentes”, e assim indirectamente culpabilizados pelo insucesso ou abandono escolar “De calças de ganga descaídas, unhas pintadas e leitor Mp3 à mão, Patrícia Leitão, de 13 anos, e as suas amigas, entram pelo portão da escola Secundária do Restelo com a pose e a roupa certa. As três parecem saídas de um “casting” dos “Morangos com Açúcar”. Mas, ao contrário das personagens da novela juvenil, os seus problemas não se limitam aos amores e desamores semeados entre a biblioteca e a cantina. O início conturbado do ano lectivo tem-lhes roubado o espaço nas conversas sobre rapazes ou compras no “shopping” Expresso, 21 de Outubro de 2006; “O país que desiste. O que leva 40% dos jovens portugueses a sair da escola antes do tempo? Que perspectivas têm? Onde foram parar os seus sonhos? Carlos, Hélder, Raquel, João e dois Tiagos não viram futuro nas aulas. Estavam enganados. Esqueceram-se de que há um dia depois de amanhã (...) “Como muitos adolescentes, João Janeiro, agora com 23, teve queda para opções sem sentido e preferiu a “zana” (boémia) às aulas— “não tinha motivação”. Dedicava-se, então, a uma banda de rock pesado, com amigos de Portalegre, embebedando-se com eles. Os pais

bem avisaram: se não estudares, não vais ser ninguém”. Mas o rapaz estava noutra. Tinha três reprovações no currículo e “nenhum gosto” pelas lições desde os tempos de um colégio privado da diocese—“padrecos, meninos da mamã e... eu”, *Visão*, 19 de Outubro de 2006.

Este tipo de descrições e explicações estereotipadas do insucesso ou abandono escolar têm, no entanto, uma utilidade: o de excluir a hipótese da escola estar enganada, dos adultos que a fazem e que sobre ela escrevem estarem a deixar fugir cada vez mais a realidade que pretendem modelar. Como diz Machado Pais (2001: 414), o que predomina nas escolas é uma cultura prescritiva — que se justifica pela massificação do ensino, sujeito, cada vez mais, a economias de escala— que pensa o futuro como algo já feito. Mas o futuro vai-se fazendo, de preferência de forma participada, envolvendo os jovens. Mas na escola, como nos jornais que a contam, as perspectivas tão diversificadas dos jovens de pouco valem.

Outro aspecto a salientar no tratamento jornalístico sobre jovens na escola, mas também sobre as áreas sociais antes apontadas, é a tendência para os tratar como dados estatísticos, transformando-os no objecto de cálculo económico racional: “Na área da educação Portugal tem apenas 35 mil jovens na vida profissional”, *JN*, 22 de Outubro de 2006; “Listas com os resultados das 587 secundárias nas oito disciplinas com mais alunos”, *Público*, 21 de Outubro de 2006, “5 mil vagas para trinta mil candidatos”, *Expresso*, 21 de Outubro de 2006. Poder-se ia pensar que razões de natureza conjuntural estão na base deste tratamento. Mas os dados relativos à semana analisada mostram o contrário: verifica-se a mesma tendência de agregação na área da Saúde “Estima-se que 400 mil jovens integrem, anualmente, a estatística dos mais pesados, na Europa”, *JN*, 19 de Outubro de 2006; do emprego “120 desempregados apoiados”, *CM*, 23 de Outubro de 2006; dos valores “Em Portugal em 2004 quase 70 por cento dos jovens até aos 24 anos consideravam-se europeus”, *Público*, 20 de Outubro de 2006. Quando a agregação é usada para realizar a modalidade de frequência, transforma os jovens em vítimas passivas, representação que num clima moral adequado pode levar a pedidos de maior controlo, “De acordo com dados da Netpanel da Marktest, 8 mil portugueses, entre os 15 e os 24 anos, são viciados na Internet”, *DN*, 19 de Outubro de 2006; “O perigo espreita em cada clique (...) a maior parte das crianças e jovens navega na Internet sem qualquer tipo de protecções e restrições”, *Sol*, 21 de Outubro de 2006, ou transforma-os numa ameaça para a saúde e ordem pública. Leiam-se estes extractos retirados de um artigo de opinião, escrito a propósito de uma reportagem televisiva sobre o alcoolismo juvenil: “Os números divulgados impressionam e alarmam (...) evidenciou os esquemas dissimulatórios que miúdos imberbes fabricam com convívios várias, a predeterminação para a bebedeira como expediente de valorização interrelacional, a existência de sofisticados aliciamentos”, *DN*, 22 de Outubro de 2006.

Notas finais

A análise que acabei de apresentar evidencia que o acesso activo (como protagonistas) e passivo (como referências) dos jovens ao discurso jornalístico é limitado, tal como é limitado o seu acesso a outros recursos socialmente escassos. Estamos, portanto, perante um discurso ancorado num referencial fortemente adultocêntrico. De uma forma genérica, poder-se-ia dizer que a representação oferecida tende a ser de natureza negativa, e que os jovens não têm direito como actores sociais a expressarem-se sobre os problemas e situações que protagonizam. Mesmo tópicos como educação, saúde, emprego, e em geral, assuntos sociais, são tratados em termos dos problemas que os jovens criam para as autoridades, ou como problemas que eles têm, mas para os quais as autoridades podem ajudar. Iniciativas próprias, auto-organização, acção política, investigação, contributos positivos para a economia, vida social, ou para a cultura, domínio em que os jovens mostram uma maior performatividade, não merecem grande destaque. O ênfase na ideia que os jovens têm ou causam problemas, e a exclusão do que podem ser problemas para os jovens, pode

intensificar os processos de categorização negativa, acentuando as diferenciações simbólicas entre quem aparentemente subverte e quem se diz atingido, e não dá espaço para interrogações sobre o modo como o sistema educativo, de formação profissional e produtivo influenciam os diversos processos de transição dos jovens. Também não restitui a complexidade de situações sociais concretas, nem possibilita que as margens possam ser produtoras de sentido, suscitando mesmo incompreensão e possíveis efeitos de ricochete. Vimos também como neste discurso predomina a representação dos jovens como dependentes ou não autónomos. Cabe neste quadro perguntar: serão mais perigosos os jovens, ou a sua marginalização discursiva? Nenhuma cidadania pode ser reivindicada quando o acesso à participação e à autonomia é vedado. Ser jovem no discurso jornalístico é uma espécie de princípio causal que ao invés de exigir explicação, parece fornecê-la. Na semana analisada, este discurso não fomenta, diria mesmo que dificulta, uma cidadania activa por parte dos jovens.

Referências bibliográficas

- Almeida, A. (2003) "Família e Demografia em Portugal Hoje" in Cabral, M. *Portugal Hoje*, Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- Androutsopoulos, J., e Georgakopoulou, A. (2003) "Discourse Constructions of Youth Identities: Introduction" in Androutsopoulos, J. K. e Georgakopoulou, A. (eds.), *Discourse constructions of youth identities*, Amsterdam: John Benjamins, pp, 1-25.
- Besley, T. (2005) "The Genealogy of Discourses of Youth", visto em 23-09-2006 em www.ioe.ac.uk/pesgb/x/Besley.pdf
- Bloor, M. & Bloor, T. (2007) *The Practice of Critical Discourse Analysis. An Introduction*, Nova York: Hodder Arnold.
- Bodily, C. (1994) "Ageism and Deployments of "Age". A Constructionist View" in Sarbin, T. e Kitsuse, J. *Constructing the Social*, Londres: Sage, pp, 174-194.
- Bradly, H. (1997) *Fractured Identities Changing Patterns of Inequality*, Cambridge: Polity Press.
- Cabral, V., Pais, M. (coord.) (1998) *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras: Celta.
- Devlin, M. (2005) "Teenage Traumas" The Discursive Construction of Young People as a "Problem" in an Irish Radio Documentary", *Young*, Vol. 13 (2): 167-184.
- Cohen, S. (1972) *Folk Devils and Moral Panics: The Creation of Mods and Rockers*, Londres: MacGibbon & Kee.
- Fairclough, N. (1995) *Media Discourse*, Londres: Arnold.
- Fairclough, N., Wodak, R. (1997) "Critical Discourse Analysis: An Overview" in van Dijk, T. (ed.) *Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction*, Londres: Sage, Vol. 2, pp, 147-168.
- Falchikov, N. (1986) "Images of Adolescence: An Investigation into the Accuracy of the Image of Adolescence Constructed by the British Newspapers", *Journal of Adolescence* 9: 167-80.
- Ferreira, V. (coord.) (2006). *A Condição Juvenil Portuguesa na Viragem do Milénio. Um Retrato Longitudinal Através de Fontes Estatísticas Oficiais: 1990-2005*, Lisboa: Instituto Português da Juventude.
- Figueiredo, A. L., Silva, C., Ferreira, V. (1999), *Jovens em Portugal. Análise Longitudinal de Fontes Estatísticas: 1960-1995*, Oeiras: Celta Editora.
- Fornäs, J., (1995) "Youth, Culture and Modernity". in Fornäs, J., Bolin, G. (eds.) *Youth Culture in Late Modernity*, Londres: Sage, pp, 1-11.
- Fowler, R. (1991) *Language in the News: Discourse and Ideology in the Press*, Londres: Routledge.

- Giroux, H. A. (2006) "Teenage Sexuality, Body Politics and the Pedagogy of Display" visto em 11/05/2006 em http://www.henryagiroux.com/online_articles/teenage_sexuality.htm
- Griffin, C. (1993) *Representations of Youth: The Study of Youth and Adolescence in Britain and America*, Cambridge: Polity Press.
- Griffin, C. (2006), "Representations of Youth" visto em 23/09/2006 em http://bulletin.region.ulsu.ru/science_about_youth/representations_of_youth/
- Hall, St.; Critcher, C.; Jefferson, T.; Clarke, J., Roberts, B. (1978), *Policing the Crisis. Mugging, the State and Law and Order*, Londres: MacMillan, pp, 52-70.
- Hebdige, D. (1983) *Hiding in the Light: On Images and Things*, Londres/Nova York: Commedia/Routledge.
- Kress, G. (1990) "Critical Discourse Analysis" in W. Grabe (org.) *Annual Review of Applied Linguistics*, 11: 84-99.
- Jeffrey, C., McDowell, L. (2004) "Youth in a Comparative Perspective. Global Change, Local Lives", *Youth & Society*, n. ° 2: 131-142.
- Lesko, N. (2003). *Act Your Age! A Cultural Construction of Adolescence*, Nova York: Routledge Falmer.
- Pais, J. M. (1993), *Culturas juvenis*, Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda.
- Pais, J. M. (1999) (coord.) *Traços e Riscos de Vida*, Porto: Âmbar.
- Pais, J. M. (2001), *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro*, Porto: Âmbar.
- Pais, J. M. (2005) "Jovens e Cidadania", *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. ° 49: 53-70.
- Pais, J. M., Cairns, D. e Pappámikail, L. (2005) "Jovens Europeus: Retrato da Diversidade", *Tempo Social*, vol.17, n.º 2: 109-140.
- Pappámikail, L. (2004), "Relações Intergeracionais, Apoio Familiar e Transições Juvenis para a Vida Adulta em Portugal", *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. ° 46: 91-116.
- Pettigrew, T. F. (1979) "The Ultimate Attribution Error: Extending Allports's Cognitive Analysis of Prejudice", *Personality and Social Psychology Bulletin*, 5: 461-476.
- Pinto-Coelho, Z. (2007) "Imagens Publicitárias: Jogos do Olhar, Género e Sexualidades", *Comunicação e Sociedade*, 11: 175-184.
- Pinto-Coelho, Z. (2005) "Mães que 'Geram' Toxicodependência: Figuras do Feminino no Discurso das Campanhas Públicas", in Toscano, A. e Godsland, S. (eds.) (2005) *Mulheres más. Percepções e Representações da Mulher Transgressora no Mundo Luso-Hispânico*, I Vol, Porto: Universidade Fernando Pessoa, Royal Holloway, University of London, pp, 345-365.
- Richardson, J. (2007) *Analysing Newspapers. An Approach from Critical Discourse Analysis*, NY: Palgrave MacMillan.
- Thurlow, Crispin (2007) "Fabricating Youth. New Media Discourse and the Technologization of Young People" visto em 20/3/2007 em [http://faculty.washington.edu/thurlow/papers/thurlow\(2007\)-chapter.pdf](http://faculty.washington.edu/thurlow/papers/thurlow(2007)-chapter.pdf)
- van Dijk, T. A. (1988) *News as Discourse*, Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- van Dijk, T. A. (1998) *Ideology: a Multidisciplinary Approach*, Londres: Sage.
- van Dijk, T. A. (2005) *Discurso, Notícia e Ideologia. Estudos na Análise Crítica do Discurso*, Porto: Campo das Letras
- van Leeuwen, T. (1997) "A Representação dos Actores Sociais" in Pedro, E. (org.) *Análise Crítica do Discurso*, Lisboa: Caminho, pp, 169-222.

- Vieira, J. (2006), "Educação, Emprego e Desemprego" in Ferreira, V. (coord.) *A Condição Juvenil Portuguesa na Viragem do Milénio. Um Retrato Longitudinal através de Fontes Estatísticas Oficiais: 1990-2005*, Lisboa, Instituto Português da Juventude: pp, 75-109.
- Weiss, G. , Wodak, R. (2003) *Critical Discourse Analysis. Theory and Interdisciplinarity*, Nova York: Palgrave, MacMillan.
- Wyn, J. (2005). "Youth in the Media: Adult Stereotypes of Young People" in Williams, A., Thurlow, C. (eds.) *Talking Adolescence: Perspectives on Communication in the Teenage Years*, NY: Peter Lang, pp, 53-71.
- Wyn, J., White, R. (1997) *Rethinking Youth*, Londres: Sage.